

# Um presidente com idéias



**Fernando Henrique pode ser tudo, menos "déspota esclarecido" ou "bonapartista"**

Em mais de cem anos de República, Fernando Henrique é nosso primeiro presidente dotado de idéias, capaz de formular conceitos pessoais de forma integrada e articulada. As idéias são importantes. Elas ampliam a compreensão do mundo em seu âmbito total e ajudam a dilatar a vida. Dos presidentes anteriores, José Sarney, escritor e acadêmico, pode até ter idéias, mas sabe escondê-las muito bem. Castelo Branco era homem mais de opiniões sólidas e fortes convicções do que de idéias, assim como Juscelino, homem de ação, cheio de programas e metas, não de conceitos. Getúlio Vargas não tinha propriamente idéias pessoais, inspirava-se à risca num ideário positivista extremamente rígido e um pouco lúgubre. Era impor-se ou morrer.

A entrevista concedida por Fernando Henrique a Roberto Pompeu de Toledo, da revista *Veja*, vem provar, em primeiro lugar, que o político não engoliu o sociólogo. Este continua em forma, aprendendo e corrigindo-se com a experiência.

Queremos proceder à análise rigorosa dos conceitos de FH, independentemente de sua aplicação efetiva. Portanto, não se leia este artigo como louvação incondicional de seu governo.

Foram três as notas essenciais dessa entrevista:

■ A insistência no primado da sociedade, com seu poder irresistível de determinação e transformação, sobre as estruturas do poder dominantes e também sobre as ideologias de revolução ou reforma. "Como se muda uma sociedade? As pessoas têm uma visão, digamos, mecânica do processo. A mudança se daria sempre da mesma forma: a quebra de uma ordem para criar outra. Não é assim. Às vezes está ocorrendo uma mudança e nem se percebe. Os que estão vivendo o processo de transformação não têm consciência dele." É isso aí.

As velhas esquerdas invocam a necessidade de "mudar as estruturas". Mas as estruturas estão sempre mudando e só as esquerdas não percebem. Nisso se parecem com o famoso galo de Rostand, certo de que, se não cantasse todas as manhãs,

o sol não nasceria. A tese adquire mais clareza quando o entrevistado toca no problema da exclusão social. Garante que a estabilidade trazida pelo Real fez com que de 8 a 13 milhões de pessoas saíssem da linha da pobreza. A grita contra a exclusão, no entanto, nunca foi tão grande. O que está acontecendo, segundo FH, é que, quando a exclusão começa a ser erradicada, aumen-

ta o nível geral de expectativa e se cobra mais do governo em presteza e eficiência. A exclusão, que estava dissimulada, surge com toda a brutalidade, o que antes não ocorria. "Quando a sociedade exclui mesmo, nem se vê. Só vê quando começa a incluir, e então você fica irritado."

Seu entusiasmo com a força da sociedade civil é impressionante. A seu ver, em última instância, não é o Estado sozinho, nem a burocracia, nem os partidos, nem os sindicatos que decidem, mas a sociedade civil em conjunto. Isso não exclui a regulamentação do mercado, mas (e aqui vai a novidade) é preciso "regulamentar de um jeito no qual a sociedade tenha participação". Reafirma sua condição de social-democrata, mas da "nova social-democracia". Segundo a nova social-democracia, não é o Estado que faz. "Ele faz também. Tem de

haver espaço no Estado para que forças não estatais atuem nas decisões políticas, no controle das políticas, na avaliação das políticas." Apela claramente para a participação no Estado das novas organizações não-governamentais e outros agentes de pressão.

■ A segunda nota fundamental da entrevista é onde melhor se revela a pretensão do verdadeiro estadista — na vontade de integração dos opostos, o novo com o velho, a sociedade com o Estado, a transformação com a conservação, a liberdade com a igualdade, o nacional com o internacional, o aspecto formal com o informal. Seu critério não é o maniqueísta (ou isto ou aquilo), e sim o interativo (isto e aquilo), o que é excelente para uma sociedade em mudança.

"Quando se está mudando, convivem o velho e o novo. E nem tudo o que é velho é ruim ou o que é novo é bom. Ver as coisas desse jeito é um defeito fundamentalista." Eis aí a linguagem (ainda não dizemos a prática) do verdadeiro estadista, a da integração dinâmica dos opostos, o que exige vocação arquitetônica de equilíbrio de forças, massas e tensões que o político medíocre nem sonha. Fugir do fundamentalismo é o atestado supremo de maturidade política.

■ A respeito da globalização, o repórter provoca o presidente com objeções que brilham pela obviedade — Ela não reforça a exclusão? O desemprego? A dominação? —, dando, assim, oportunidade

para o entrevistado introduzir a terceira tônica da entrevista: a *radicalização da democracia*. Trata-se de ampliar o processo democrático, dando mais acesso às decisões, multiplicando e aperfeiçoando os canais de comunicação entre sociedade e Estado.

A globalização "não é um valor", e sim uma fatalidade. O problema está em como conviver com ela, o que contrapor a ela. E a resposta é a ampliação da democracia, para que o povo decida livremente. Estado e sociedade têm de estreitar as mãos para difundir a educação, dar mais acesso à informação, melhorar a competitividade e salvar nossa forma de identidade (que, por sinal, valoriza a diversificação). É preciso criticar a globalização, mas não para voltar ao regime anterior de fechar a economia e construir um Estado burocrático.

O propósito da "radicalização da democracia" precisa ser bem explicado, para não resvalar no populismo, que menospreza a intermediação dos partidos, da lei, das instituições. FH não cai nessa aberração. Ao contrário, reclama maior participação social, mediante a permeabilidade dos partidos, dos órgãos não-governamentais, etc. Mas não se exime de dizer que foi "sempre favorável às alianças". Em nome da radicalização da democracia, recusa-se a intervir em outros poderes nos casos em que lhe pedem (como o do índio pataxó, ou da Encol). FH pode ser tudo, menos "déspota esclarecido" ou "bonapartista".

No mais, critica acerbamente a velha esquerda, colocando-a no mesmo saco da direita, o do "atraso": "Nossa crítica de esquerda é conservadora. Ela acha que nada muda. Ou quer que nada mude." Lembra certo cartaz da CUT com os dizeres: "Reforma, só agrária." Nossa esquerda é contra reformar.

Aqui o presidente perde a paciência e proclama: "Esquerda sou eu." Pergunte-se: por quê? Só porque está alinhado ao pensamento de mudança e reforma? Ora, isso não é monopólio da esquerda, mas qualidade de todo estadista que faz política realista, inspirada nas linhas de força atuantes na sociedade. FH provou que tem idéias. O mais difícil será o político governar com as boas idéias do sociólogo.

